

PRETA FERREIRA

MINHA CARNE

DIÁRIO DE UMA PRISÃO



© BOITEMPO, 2020

© PRETA FERREIRA, 2020

DIREÇÃO-GERAL Ivana Jinkings

EDIÇÃO Thais Rimkus

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Carolina Mercês

REVISÃO Carolina Hidalgo Castelani

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO Livia Campos

CAPA E PROJETO GRÁFICO três design com foto de Thiago Santos

ASSESSORIA Marina Piotto

TRANSCRIÇÃO DOS ORIGINAIS Maria Gadú

EQUIPE DE APOIO: Artur Renzo, Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Tulio Candiottto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F443m

Ferreira, Preta

Minha carne : diário de uma prisão / Preta Ferreira. - 1. ed. - São Paulo :
Boitempo, 2020.

ISBN 978-65-5717-020-5

1. Ferreira, Preta - Diários. 2. Prisioneiras - Biografia - Brasil. 3. Socialismo.
4. Movimentos sociais - São Paulo (SP). 5. Direito à moradia - Brasil. I. Título.

20-66557

CDD: 920.93656

CDU: 929-058.5

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro
sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: dezembro de 2020; 1ª reimpressão: julho de 2021

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373, 05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875 7250 / 3875 7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br

 /boitempo  @editoraboitempo  /tvboitempo  /boitempo



SUMÁRIO

PREFÁCIO

POR JULIANA BORGES

13

RETRATO

17

DIÁRIO

21

O DIA EM QUE RENASCI

203

ANGELA DAVIS

209

RETOMADA

215

"VOZES VAZAM GRADES"

POR CONCEIÇÃO EVARISTO

222

CRÉDITO DE IMAGENS

223



ANGELA DAVIS

20 DE OUTUBRO DE 2019

Eu poderia cantar aquela música do Raul: “O dia em que a Terra parou”. Angela iria me visitar na prisão, mas, para minha sorte, não deu tempo. No fundo, eu nem queria que ela fosse ao presídio, seria egoísmo fazer com que ela revisitasse essa dor.

Nesse meio-tempo, tive que recusar vários convites de nosso encontro, por causa da prisão domiciliar. Sempre que ela tinha uma palestra era no fim de semana e, como eu disse, eu não podia sair de casa aos fins de semana. Recebi muitas visitas, muita gente influente, artistas, políticos, era muita gente mesmo. Mas nenhuma delas foi tão significativa quanto Angela Davis. Parecia que eu me via naquela mulher. Poderia ser Angela Ferreira ou Preta Davis. Eu vi a mesma história ser contada duas vezes.

Ela havia me convidado para o encontro na escola Florestan Fernandes, mas, como não pude ir, minhas amigas bolaram um plano e foram em meu lugar. Passamos a noite bebendo e conversando. Maria Gadú, Lua Leça, Marina Piotto e eu. Elas foram de Uber, e o lugar era bem longe. Na volta, Maria e Lua pegaram uma carona para chegarem a minha casa... antes de Angela.

Na palestra, Angela havia tirado uma foto minha da bolsa, mostrando para a multidão, perguntado por mim. Essa foi sua primeira fala no encontro. Elas deram a Angela meu endereço, e ela cancelou todos os compromissos para me ver. Quando elas me avisaram que Angela estava indo ao meu encontro, não acreditei.

Nosso encontro não foi como vocês pensam, romântico. Foi, afinal, entre duas mulheres pretas violentadas pelo patriarcado. Violentadas historicamente de diversas formas: simbólica, psíquica, fisicamente. Fomos presas porque sabiam de nossa força. Nós nunca cometemos crime algum, apenas lutamos por nossos direitos e contra o racismo.

Meu encontro com Angela Davis carrega muita dor e sofrimento. Quando nos abraçamos, foi dolorido, pesado. Assim que ela entrou, dei-lhe um abraço apertado e falei um inglês meio baiano, mas o importante é que ela entendeu (risos).

Eu quis que fosse um encontro relaxado, falei algumas coisas engraçadas para descontraír o momento. Ao mesmo tempo, ela me disse:

— Estou aqui para saber em que posso ajudar! — Tirou a minha foto da bolsa para me mostrar, e era uma foto de uma matéria quando estava presa.

Angela me disse que havia lido muito sobre mim e que por onde andava carregava aquela foto. *Você é o símbolo da liberdade do Brasil*. Foi uma tarde de muitos questionamentos, e Angela e minha mãe conversaram bastante também, trocando experiências de luta – e que experiências.

Ela me perguntou o que eu achava que havia me salvado na prisão.

— A consciência de classe, foi isso que me salvou. Eu sempre soube do meu papel de mulher preta e do papel da sociedade referente a mim.

Minha amiga Erica Malunguinho, que também foi muito elogiada por Angela, estava presente e participou bastante. Aliás, todas as minhas referências de luta estavam ali, no mesmo lugar que eu, no sofá, conversando. Carmen Silva, Angela Davis e Erica Malunguinho, quanta força.

Enquanto Angela escrevia uma dedicatória para mim em seu livro, eu disse:

— Eu também escrevi um livro. Quando ficar pronto, vou autografar para você.

Risada garantida. Enquanto Angela Davis dedicava seu livro a mim, eu a olhava encantada. Eu me vi no futuro – e foi inexplicável, um mix de sentimentos. Me debrucei em seus braços como se estivesse abraçando a mim mesma. Parecia que me olhava no espelho, senti como se já nos conhecêssemos havia muitos anos, não sei explicar, como se eu trocasse com meus ancestrais.

Ofereci água, café, suco, e Angela aceitou a água, mas não bebeu tudo, deixou mais da metade. O copo estava quase intacto. Quando ela se foi, eu bebi toda aquela água só para ser como ela. Talvez achem isso estranho, mas senti como se fosse um ritual, como se eu bebesse direto da fonte para me fortalecer.

Eu cantei para ela a música “Não perca sua fé”, que fiz para as meninas lá dentro, e contei a história da música. Foi emocionante, todas com cisco nos olhos. Contei sobre o tratamento no presídio e algumas das histórias deste livro.

Momento histórico de minha vida: ser aplaudida por Angela Davis, ouvir essa mulher, sinônimo de força mundial, me dizer que sou forte.

Minhas amigas Maria Gadú, Marina Piotto, dra. Allyne Andrade, Isa Penna, Lua Leça, Sandra Silva, Anne Tozzeto, Clarice Cardoso, Cândida Del Tedesco, Monique Evelli e as manas do MST me ajudaram a proporcionar um momento como esse; são as mesmas que lutaram por mim enquanto estive naquele lugar horrível. Mulher sabe sentir a dor da outra.

Ao se despedir, Angela me abraçou e disse:

— Desculpe por invadir sua casa.

— Melhor você que a polícia — respondi, num impulso.

Ela ainda lembra dessa frase, que foi uma das minhas pérolas que a alegraram.

Depois fui até ao elevador com ela e pedi mais uma foto, ainda incrédula, sem conseguir falar meu inglês baiano, nos comunicamos de outra forma, a forma mais preciosa, do amor. Falávamos com o olhar, tipo o das guardas que me abraçaram no presídio na minha despedida. Eu não queria ficar longe dela nem por um instante, estava hipnotizada.

Vi Angela Davis e Carmen Silva se admirarem, se apoiarem como mulheres pretas de luta e muito orgulhosas de mim. Angela parabenizou minha mãe por minha criação, e eu não poderia me sentir mais orgulhosa de mim mesma. Sempre me recordo disso: as duas pareciam amigas de infância dialogando sobre a vida.

Angela aprendeu sobre o movimento de moradia, sobre o MSTC, e disse que visitaria a exposição em Chicago. Sim, eu estava presa e exposta em Chicago na Bienal de Arquitetura. Angela me traz esperança, e, quando a vejo com minha mãe, me sinto forte. Não poderia ter bebido de fontes melhores. Angela falou sobre mim em todas as suas palestras no Brasil; e eu ainda não tinha noção do que estava acontecendo até esse encontro.

Estive com Angela no dia seguinte, no Auditório do Ibirapuera, num encontro mais rápido, mas que emocionou quem estava presente. Eu e

minha família retornamos para casa bem rápido, tinha que estar lá às 18h. Fui para casa chorando de raiva: “Como assim, não posso ficar com Angela em um momento tão importante da história do nosso país?”. Eles continuam me vigiando, eu continuo presa.

Não escolhi estar no lugar que estou hoje, foi destino, ou predestino, já estava tudo predestinado pelos meus antepassados. E tenho os melhores exemplos de luta ao meu lado: Angela Davis e Carmen Silva. Gratidão por tudo. Não fossem vocês, eu nem estaria aqui hoje contando essas coisas.

Minhas heroínas estão vivas, reescrevendo a história ao meu lado.